



AUTÔNOMO OU AUTÔMATO: PEDAGOGIA ONTOPSICOLÓGICA NA EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS

Estela Maris Giordani

*Linha temática – Inteligência e tecnologia humana:
quais são e como desenvolver os dotes verdadeiramente humanos?*

Resumo: Este artigo analisa a problemática do uso da tecnologia pelas crianças e jovens e busca trazer a novidade de prática pedagógica da escola Ontopsicológica. A função dos adultos é garantir a sanidade integral das crianças e jovens, fundamentalmente, é o adulto mãe, que determina se, na relação com a tecnologia, ocorrerá como resultado um indivíduo autônomo ou autônomo. Nosso objetivo geral foi analisar essa problemática e explicitar as principais contribuições da pedagogia Ontopsicológica para compreender como os pais e educadores podem usufruir de tecnologias da informação sem causar prejuízos ou danos à sanidade integral da criança. Como metodologia nos servimos da pesquisa bibliográfica utilizando a revisão de literatura integrativa, pois ela permite a síntese de conhecimentos de diversas pesquisas sobre um determinado tema, visando integrar e analisar sistematicamente os resultados de estudos anteriores. O estudo possibilita compreender como os pais e educadores, cujos filhos e aprendizes estão imersos na cultura digital, devem proceder para que não percam a própria diretividade ôntica, tornando-se capazes de construir sua vida de forma responsável, autônoma e criativa.

Palavras-chave: TDICs. Ensino-Aprendizagem. Pedagogia Ontopsicológica. Protagonismo Responsável. Autonomia.

1. INTRODUÇÃO

A problemática que se discute neste ensaio é o aumento do indiscriminado acesso que crianças têm, por mediação dos pais e/ou adultos, às tecnologias, especialmente ao telefone celular. Temos observado e nos preocupado com a forma pela qual os pais realizam o uso da tecnologia digital com seus filhos e/ou aprendizes (Martín e Giordani, 2017). Embora o assunto seja ainda muito controverso, Antonio Meneghetti, fundador da ciência Ontopsicológica, formalizou a pedagogia Ontopsicológica e tratou desse tema em seu percurso de investigação diversas vezes de forma direta e indireta. Esse ensaio teórico busca reunir as principais contribuições da pedagogia Ontopsicológica no que se refere à educação das crianças, no âmbito da educação familiar, escolar e social. Nosso objetivo geral de pesquisa é explicitar as principais contribuições da pedagogia Ontopsicológica para compreender como os pais e educadores podem usufruir de tecnologias da informação sem causar prejuízos ou danos à sanidade integral da criança. Partimos da premissa exposta pelo autor na sede da UNESCO em Paris no ano de 2007 “O meme é uma ficção, e as crianças são todas imersas nessa grande mãe da ficção, articulando-se e computadorizado-se no interior dessa: existem mais softwares, mais hardwares na mente das crianças que em um computador” (Meneghetti, 2019, p. 220). Ou seja, depois de 17 anos dessa conferência, com esse conhecimento, como podemos ser uma ciência de serviço à educação das novas gerações? Para a realização deste estudo, vamos nos servir tanto dos escritos do autor principal da pedagogia Ontopsicológica, Acc. Antonio Meneghetti, assim como, outros estudos realizados tendo como objeto de estudo a pedagogia Ontopsicológica e, de forma mais específica a problemática da tecnologia. A visão da pedagogia Ontopsicológica é a formação de um indivíduo autônomo, capaz de construir a sua existência de forma criativa, a partir da autóctise histórica do seu projeto de natureza ou Em Si ôntico.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O problema humano, bem antes das telas, está em que, o próprio ser humano, por um mecanismo inserido nas sinapses cerebrais, por afetividade ótica materna e com reforço de campo semântico de um adulto em estado de frustração, que emite uma informação de chantagem, em período de tenra idade (Meneghetti, 2012), mas com o consentimento da própria criança, a qual nega a vivência de um instinto positivo, sadio e cede a essa chantagem do adulto. Ao aceitar essa informação estranha, negando viver a diretividade de seu Em Si ôntico naquele momento ou situação, em função do medo da perda do primado afetivo do adulto mãe, escolhe não seguir a pulsão do seu Em Si ôntico.

Esta situação banal posteriormente determina a cisão existencial por meio da qual, insere o mecanismo de alteração o qual, faz com que nas sucessivas interações com o real. Com isso, não distingue, qual é a informação vital que a faz evoluir, perde o critério interior de si e age conforme o entorno a gratifica desencadeando a confusão na qual perde a capacidade de reconhecer a pulsão vital e não consegue mais distinguir o que é útil e funcional a sua identidade ôntica. O real é clonado pelo meme virulento que foi introduzido no período em que o indivíduo possui a capacidade de juízo moral (por volta de três anos).

Uma vez inserido o mecanismo estranho e reforçado muitas vezes por meio de estereótipos, da cultura familiar, das instituições sociais como a família, escola, religião e outras, a criança não tendo mais como referência a sua própria interioridade, tomando como base de decisão ou critério o externo, o que os outros dizem. Desta forma, cada vez mais ingressa no processo de alienação de si mesmo, na cisão do seu critério existencial aqui-agora-assim derivado do metabolismo e da gestalt indivíduo-ambiente em função de um superego pré-estabelecido que o gratifica.

Os pais, especialmente o adulto mãe, possuem em suas mãos a saúde psíquica dos filhos. E, para que isso ocorra, a díade do casal deve estar pautada por uma “recíproca busca positiva [...] enquanto o inconsciente personológico tem a capacidade de solução para qualquer problemática existencial” (Meneghetti, 2019, p. 25). Essa premissa, para o autor, é suficiente para garantir a saúde e o desenvolvimento integral da nova vida que veio por meio destes mediadores. Contudo, o educador também deve revisar-se para tornar-se um mediador sadio e de valor para o aprendiz. Pois, “as crianças são o reflexo dos adultos que estão em interação, portanto, para modificar as crianças é preciso modificar os adultos que educam as crianças. Pois para educar uma criança é necessário que o adulto de referência da relação educativa seja realizado” (Giordani, 2014, p. 27).

Na pesquisa desenvolvida por Mombelli, Silva e Giordani (2016) pode se evidenciar que a forma que os pais impostam o filho, especialmente o adulto mãe, o filho responde, reage. Nesta mesma direção, o estudo realizado por Gonçalves e Giordani (2016) conclui que, o modo como o adulto mãe estabelece as relações diádicas com os filhos os leva a reagir de forma acretiva ou regressiva diante de uma situação existencial que exige mudança de seu comportamento.

Trata-se de propor uma revisão dos modelos mentais, a autenticação da consciência para que esteja conectada ao projeto de natureza ou Em Si ôntico, realizando a constante metanóia, que significa mudança radical da consciência conforme as informações emanadas do Em Si ôntico. Metanóia significa

Varição radical do comportamento para identificá-lo à intencionalidade do Em Si. Reorganização em evolução progressiva de todos os modelos mentais e comportamentais. A sua essência é o desinvestir-se continuamente do passado e o constituir-se sobre a funcionalidade imediata do sujeito aqui e agora, segundo a seleção do Eu a priori. (MENEGHETTI, 2012, p. 172).

Portanto, significa que o indivíduo deve viver a sua vida.

Quando Meneghetti afronta a problemática do monitor de deflexão explicita que, apesar de ser complexo e difícil para compreender sua origem e motivo, trata-se de um mecanismo “sinérgico à existência; é um mecanismo altamente racional e computacional. Nós somos em parte computador e em parte intuição” (Meneghetti, 2016, p. 251). O ser humano é em parte máquina e

em parte espírito, e para afrontar a problemática existencial do monitor de deflexão, o ser humano precisa evoluir para não ser escravo deste “computador psicodélico” (Meneghetti, 2022, p. 13). E, conforme o autor, é preciso realizar a evolução da unidade de ação pessoa. Pois, “o monitor de deflexão é um computador. O computador é um complexo ordenado para raciocinar e indicar um certo modo para selecionar operações lógicas” (Meneghetti, 2022, p. 32). Portanto, a tecnologia é um instrumento, e a racionalidade humana “em si e por si não é inteligência, mas é a técnica, um feixe de regras baseado sobre alguns princípios escolhidos por evidência” (Meneghetti, 2022, p. 07). Contudo, é a racionalidade que por meio da técnica, organiza, analisa e sintetiza os dados para poder elaborar o conhecimento sobre o real. Portanto, para afrontar a problemática do monitor de deflexão é preciso, do ponto de vista pedagógico, educativo, prever uma outra forma de fazer pedagogia, não se colocando como alternativa e substituindo a forma de pedagogia corrente (Meneghetti, 2019), mas fundando-se sempre sobre o próprio Em Si ôntico.

3. METODOLOGIA

A metodologia de pesquisa deste ensaio é a revisão de literatura integrativa. Trata-se de um tipo de revisão de literatura que permite a síntese de conhecimentos de diversas pesquisas sobre um determinado tema, visando integrar e analisar sistematicamente os resultados de estudos anteriores. As revisões integrativas são utilizadas em diversas áreas do conhecimento e pode ser útil para reunir, comparar e integrar evidências disponíveis sobre um tópico específico. Mendes, Silveira e Galvão (2009), entendem que estas pesquisas auxiliam além da compreensão, a tomada de decisão pois permitem apontar lacunas e assim, possibilitam a realização de novos estudos. Estas autoras apontam que a metodologia consiste em quatro etapas. A primeira etapa da revisão integrativa é a definição da problemática da pesquisa (Mendes, Silveira e Galvão, 2009). Em nosso caso, o problema de pesquisa foi assim definido: quais são as contribuições da pedagogia Ontopsicológica para compreender como os pais e educadores podem usufruir de tecnologias da informação sem causar prejuízos ou danos à sanidade integral da criança?

A segunda etapa, para as mesmas autoras, é a elaboração de critérios de inclusão e exclusão do material a ser pesquisado. Neste nosso caso, como critérios de inclusão definimos as produções do Acc. Antonio Meneghetti sobre a ciência Ontopsicológica e de forma especial a pedagogia Ontopsicológica. Além da vasta produção do Acc. Antonio Meneghetti, também estudos realizados a partir desta sua abordagem. Outro critério de inclusão serão os estudos que diretamente ou indiretamente podem elucidar os princípios pedagógicos para uma sadia pedagogia para as crianças. E, critérios de exclusão foram definidos aqueles estudos que tratam desta temática, mas que não tem como fundamento esta perspectiva.

A terceira etapa, conforme Mendes, Silveira e Galvão (2009) se trata de especificar quais são as informações que serão extraídas dos estudos. Neste caso, as informações podem ser agrupadas por temáticas ou por categorias que vão balizar as leituras e posteriormente as análises a fim de elaborar as reflexões e conclusões do estudo.

A quarta etapa, é a “avaliação dos estudos incluídos na revisão integrativa” (Mendes, Silveira e Galvão, 2009, p. 762). Depois da busca de estudos em bases de dados, conforme os critérios de inclusão e exclusão, serão lidos os materiais, classificados, analisados.

Para, na quinta etapa, serem interpretados, respondendo a problemática de investigação. Estes elementos teóricos foram extraídos dos estudos realizados pela autora e por outros autores que trazem contribuições relevantes para explicitar o problema de pesquisa.

E, por fim, na sexta etapa, apresenta-se as principais conclusões em formato de síntese sobre os estudos realizados a partir da produção acadêmica e científica publicada, seja em livros, revistas e demais publicações encontradas. Estes estão desenvolvidos na seção que segue.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste tópico, pautados sobre a produção especialmente do fundador da pedagogia Ontopsicológica, Acc. Antonio Meneghetti, pretendemos responder ao nosso objetivo: explicitar como os pais e educadores podem usufruir de tecnologias da informação sem causar prejuízos ou danos à sanidade integral da criança? Percebemos que a tecnologia, pelos modos de usos, exerce maior influência para reforçar e atualizar os memes uma vez que, seu potencial é tendencialmente mais utilizada e dominada para o entretenimento (principalmente nas redes sociais), embora possua uma infinidade de recursos e possibilidades de exploração para os benefícios de facilitação da vida.

A seguir vamos analisar como ocorre o reforço da alienação da criança em uma situação casual, corriqueira que ocorre tanto em situações domésticas (com babás, pais, avós etc.) quanto em escolas. A alienação da criança do próprio Em Si ôntico, de sua intencionalidade ou critério de natureza, é reforçada pela “babá virtual”, pois com a descoberta que colocando o filho frente a uma tela (televisão, tablet e/ou celular) a criança não “incomoda” permite uma temporária liberdade ao adulto (babá, mãe, avó, pai, pais etc.) viver livremente sem preocupação pela criança. Porém, o que ocorre com esse processo? Vamos exemplificar com um exemplo corriqueiro. Em uma determinada situação estávamos em uma sala da universidade orientando um trabalho de conclusão de curso e outra pessoa estava no mesmo ambiente com o seu bebê de, em torno de sete meses, em um carrinho. Durante o tempo inicial de orientação, era possível ouvir os balbucios normais de um bebê, depois não mais, apenas ouvíamos um som de um aparelho. A curiosidade nos invadiu, e ao verificar notamos que a mãe havia acoplado ao berço um tablet com um desenho animado. Não ouvíamos mais a voz da criança e sim, aquele ruído de vozes estereotipadas dos desenhos animados.

Analisando essa situação, podemos compreender que a criança, do ponto de vista mental, emocional, social torna-se um receptivo passivo, se adequa àquele meme implantado diretamente por meio das telas. Não interage com o ambiente com os seus balbucios, pois, ao balbuciar está participando ativamente da conversa, das interações. Balbuciando existe o seu protagonismo de ser pessoa. Ao estar diante de uma tela torna-se passiva, receptiva e apenas reage, não age, responde à máquina, mas não processa. Ou seja, está se constituindo no autômato, se comportando como uma máquina, como robô e, não como um ser humano, que fala, ouve, elabora, responde.

Nestas interações constrói reações de arco reflexo induzidos por meio da fixação ótica e emocional sem critério real, trata-se de uma aprendizagem que condiciona o comportamento infantil, como os experimentos de Ivan Pavlov e depois mais adiante com Skinner. Meneghetti (2019, p. 220) analisa que “O chip impõe ao conhecimento do homem como quer ser usado, se o homem quer a satisfação, como ratos de laboratório que, batendo sobre uma alavanca, em uma determinada situação recebem ao menos uma gratificação”. Essas aprendizagens quanto mais em tenra idade ocorrem, maior dano causam, porque se tornam automatizadas e possuem starter imediato sem a intervenção da capacidade consciente. O indivíduo torna-se escravo daquela situação e não mais o protagonista. Essa problemática está subjacente quando se insiste em expor ou permitir às crianças o uso indiscriminado das telas. Por isso, é preciso cuidar do conteúdo e por quanto tempo as crianças ficam expostas. Pois, podem perder-se cada vez mais de si mesmas neste universo dos memes, uma vez que apenas tornam-se as hospedeiras dos memes potentes e perdem o protagonismo sobre suas vidas.

Trouxemos o exemplo do tablet, contudo, verificamos um acesso indiscriminado aos telefones celulares, com jogos eletrônicos, ou ainda à “alexia”, ou televisões na escola e, de modo mais recente com o *ChatGpt*. O monitor de deflexão tornou-se capilarizado e mediador universal das interações humanas, agindo por meio do complexo dominante, estereótipos e memes. Qual é o problema de ingresso precoce neste universo do mundo digital, as crianças sem o devido preparo e capacidade de compreensão ingressam no “mundo *blackout* dos adultos, aquele tipo de horror. [...] as crianças não correm em direção a uma cultura natural, mas vão nos substratos de um negro nunca evoluído do inconsciente coletivo” (Meneghetti, 2019, p. 222). O obscuro e perverso incons-

ciente latente no contexto das tecnologias é assimilado pelas crianças que se expõe de modo livre e sem critérios discriminatórios frente às diversas tecnologias.

A solução a essa avalanche de inputs que as crianças estão submetidas constantemente e que as tornam cada vez mais alheias a si mesmas, é operar uma sadia pedagogia em que aprendam a realizar a constante relativização das morais externas sem negar a moral de seu Em Si ôntico.

Não se pode propor em absoluto uma educação alternativa a todas as outras, porque as situações são muitas: a única alternativa absoluta, para a criança, é o próprio Em Si. É necessário que o adulto proponha à criança a educação como regra de vantagem, como instrumento válido de autóctise histórica. É preciso propor à criança um constante relativismo; deve-se dar-lhe a volição que ela é já inteira e sadia, e contemporaneamente é necessário facilitar uma certa adaptação da história ao seu Em Si, não vice-versa. (Meneghetti, 2019, p. 239).

A aprendizagem da vida, promovida pelo adulto, genitor ou educador, a tarefa é facilitar a mediação à fenomenologia do espírito ou Em Si ôntico, cujo valor, jamais deve trair em função de uma gratificação externa afetiva ou de superego social. De todo modo, é importante que aprenda bem o jogo vencedor no tabuleiro das relações sociais. “É preciso provocá-la a apreender bem o jogo externo, porque em tal modo, quando grande, saberá realizar os jogos do ser e da existência, sem necessidade de nenhum maestro, porque saberá sempre elaborar a síntese perfeita entre o seu Em Si e o verbalizado histórico, síntese que dará novamente a sincronia entre existir e ser” (Meneghetti, 2019, p. 239).

A função dos adultos, pais e educadores, é educar à responsabilidade em aprender as diferentes ferramentas para, no jogo existencial, operar no contexto das relações sociais, construindo a sua ambição coerente com seu projeto de natureza (Giordani, 2014). Para isso, a criança deve aprender a ser autônoma, em todos os sentidos. Autonomia significa capacidade de fazer ou gerir por si só, de forma idêntica, útil e funcional a autóctone histórica no seu aqui, agora e assim, segundo a informação do seu Em Si ôntico, ler momento a momento a mensagem do espírito. Para realizar a viagem do espírito é preciso prever a sociedade, saber se mover e operar conforme a moral social, contudo, em primeiro lugar deve seguir as leis universais da vida e com essas, aprender a respeitar também as regras sociais.

A sociedade é dura e implacável. Deus perdoa, mas a sociedade não quando uma criança confia em nós, devemos sempre saber que ele estará dentro de uma sociedade complexa. Mais que a vida é a sociedade o grande problema para resolver. Por isso, ajudemos com amor a criança a saber ser autônoma economicamente, autônoma psicologicamente e socialmente funcional (MENEGHETTI, 2014, p. 211).

Por isso, para poder operar de forma vencedora o jogo das relações sociais, o indivíduo deve entrar de forma capaz, portanto, não pode se colocar como coitado, vitimizado, dependente e preguiçoso. E, o comportamento caracterial, ao sucesso, aprende no interno das relações afetivas na família, mas também na escola e na sociedade. O estudo realizado por Martim e Giordani (2017) demonstra que são os adultos que conduzem a criança a desejar aquele jogo eletrônico, celular ou outro objeto de desejo. A mediação do ambiente é sempre filtrada pelo adulto mãe que pode favorecer a regressão ou evolução daquela unidade de ação, eis a sua responsabilidade (Meneghetti, 2019; Giordani, 2014). Os adultos devem conduzir a criança, por meio do saber fazer bem as próprias coisas, com responsabilidade, atingir a autonomia. “A essência da pedagogia ontopsicológica é relativar o mundo à fenomenologia do espírito.” (Meneghetti, 2019, p. 239). Desta forma, a única forma de garantia é salvaguardando a alma, uma educação que capacite a criança e/ou adolescente identificar, reforçar e aplicar no aqui e agora existencial o critério do próprio valor metafísico ou alma.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste ensaio bibliográfico objetivamos explicitar as principais contribuições da pedagogia Ontopsicológica para compreender como os pais e educadores podem usufruir de tecnologias da informação conservando o seu valor metafísico intrínseco. Buscamos trazer, por meio de nossos estudos desta pedagogia, experiências e de publicações elementos para investigar a problemática que nos colocamos: a educação que os adultos promovem e a sua responsabilidade frente ao perigo que estão submergidas as novas gerações pela capilaridade da ação do monitor de deflexão.

Para a educação da criança é importante considerar desde a formação do casal e das escolhas dos adultos, pois eles impactam diretamente no modo como vão impostar a educação das crianças e jovens. O principal adulto da relação educativa é o adulto mãe e o adulto educador, pois a criança e o jovem vai se mover em conformidade com a diretividade da dinâmica da intencionalidade psíquica consciente e inconsciente do contexto, do qual, o adulto é o causante e as crianças e jovens são os executores. Para evitar educar as crianças e jovens em estranheza a si mesmos, os adultos devem ser realizados e escolherem construir bem a si mesmos. Pois, se as crianças e jovens crescerem como indivíduos estranhos para si mesmos, não aprendendo o seu valor de pessoa, tornam-se dependentes e subordinados à lógica da máquina, portanto indivíduos autômatos, humanos que agem como robôs.

Por meio dos princípios da pedagogia Ontopsicológica, os adultos, pais e professores podem compreender qual é a estrada para conduzir as crianças e jovens para uma estrada que lhes permita construir a sua dignidade de ser pessoa e sua autonomia de existir. A única estrada vencedora é aquela de aprender a diretividade do Em Si ôntico em autoctise histórica, fazendo as escolhas de evolução, momento a momento, com responsabilidade, capacidade e coragem de construir-se conforme o seu projeto de natureza ou Em Si ôntico, porém nunca deixando de lado, as regras do contexto social em que está inserido.

REFERÊNCIAS

MENEGHETTI, A. **Manual de Ontopsicologia**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2022.

MENEGHETTI, A. **Residence Ontopsicológico**. 4. ed. Recanto Maestro (RS): Ontopsicológica, 2016.

MENEGHETTI, A. **Pedagogia Ontopsicológica**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2019.

GIORDANI, Estela Maris. Como educar crianças de seis a doze anos. In: **Uma nova Pedagogia para a Sociedade Futura: Princípios Práticos**. Recanto Maestro: Ontopsicológica, Editora Universitária, 2014. p. 27-40.

GONÇALVES, Ana Valéria Silva; GIORDANI, Estela Maris. A **pedagogia ontopsicológica na mediação nos processos de divórcio: como ficam os filhos?** Anais II Congresso Internacional Uma Nova Pedagogia para a Sociedade Futura: protagonismo responsável. Fundação Antonio Meneghetti. Antonio Meneghetti Faculdade. setembro, 2016, p. 476-489.

MARTIM, J. A.; GIORDANI, E. M. Pedagogia Ontopsicológica na prática educativa do pedagogo em formação. **Saber Humano: Revista Científica da Faculdade Antonio Meneghetti**, [S. l.], v. 7, n. 11, p. 96–110, 2017. DOI: 10.18815/sh.2017v7n11.252. Disponível em: <https://saberhumano.emnuvens.com.br/sh/article/view/252>. Acesso em: 13 jul. 2024.

MENDES, Karina Dal Sasso; SILVEIRA, Renata Cristina de Campos Pereira e GALVÃO, Cristina Maria. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto & Contexto - Enfermagem** [online]. 2008, v. 17, n. 4 [Acessado 13 Julho 2024], pp. 758-764. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-07072008000400018>>. Epub 12 Jan 2009. ISSN 1980-265X. <https://doi.org/10.1590/S0104-07072008000400018>.

MOMBELLI, G. SILVA, F. B. K. D. GIORDANI, E. M. **Princípios da pedagogia ontopsicológica na educação de um filho**. Anais II Cong. Int. Uma Nova Pedagogia para a Sociedade Futura. Fundação Antonio Meneghetti, Faculdade Antonio Meneghetti, set., p. 535-546, 2016.